



Mérito, independência e processo

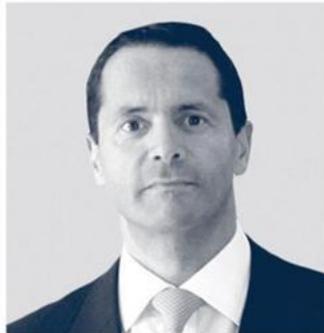
É um azar não ter sorte. Mas é precisamente para prevenir o azar que é preciso forçar a sorte e encontrar lideranças responsáveis e capazes. Suficientemente responsáveis para não confiar na sorte e razoavelmente capazes para planejar para a falta dela.

Durante décadas discutimos, e antecipámos, os riscos da aparente impreparação da classe política para nos conduzir nos mares agitados do reposicionamento de Portugal no mundo global. Os receios de que houvesse um azar eram, em grande parte, justificados, como sabemos agora. Mas pouco olhámos para dentro da sociedade civil, onde supostamente tínhamos a sorte de encontrar empresários, gestores, banqueiros, advogados, artistas, colonistas, jornalistas e professores doutores variados que, apesar e independentemente dos políticos, tocavam o País para a frente. Afinal não era bem assim. Um azar!

Nos últimos anos, boa parte da elite portuguesa foi dizimada num suicídio assistido coletivo, transmitido em direto nas televisões e acompanhado em detalhe nos tabloides. Grandes empresas tinham pés de barro, parte dos bancos estava entregue a larápios ou incompetentes, gestores premiados falseavam as melhores práticas e muitos dos outros dependiam, afinal, dos políticos que geriam a coisa pública. E soçobreram com ela.

O resultado – o descrédito nas elites, no funcionamento do sistema e, finalmente, no próprio sistema – é merecido e é terrível. Qualquer organização humana – e um país não é exceção – desprovida de um referencial ético e estratégico de liderança, está votada a navegar sem compasso. O veredicto, aproveitado e popularizado pelas franjas políticas que se reclamam antissistema, e alimentado pela natural frustração gerada pela crise económica, é de que nada valeu ou vale a pena, porque o sistema capitalista e democrático não tem emenda.

Deixar prevalecer essa visão apocalíptica, e carente de soluções redentoras,



JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA

O que é que Portugal tem de fazer para não depender da sorte?

ras, seria um desastre, destinado a acabar num grande azar.

Do que Portugal precisa para não depender da sorte é construir espaço de crescimento, afirmação e valorização de novas lideranças empresariais, culturais e políticas, desligadas dos tiques e compadrios do passado, dotadas de uma visão integrada dos problemas de uma comunidade sustentável e focadas em três princípios simples (mas contraintuitivos na cultura prevalecente há séculos em Portugal): mérito, independência e processo.

São três conceitos que se completam e complementam, sem os quais não há como nos protegermos dos inevitáveis azares que a vida impõe. Mérito como critério de acesso, independência do sector privado face ao Estado, e processo (que é como quem diz transparência, planeamento e eficácia) na gestão de bens públicos e privados.

É preciso deixar de fingir o mérito e castigar o sucesso, libertar-nos da dependência do Estado, parar de multiplicar manuais, leis e regulamentos sem criar mecanismos eficazes de regulação e responsabilização individual e, sobretudo, assentar o funcionamento das instituições e empresas em modelos estruturados de desenvolvimento a médio e longo prazo, capazes de gerar previsibilidade na ação e nos resultados.

Está nas mãos das elites da próxima geração inverter o estado de coisas e combater a resignação que o permitiu. A resignação, em regra, dá azar. ■



Qualquer organização humana desprovida de um referencial ético e estratégico de liderança está votada a navegar sem compasso.

Está nas mãos das elites da próxima geração inverter o estado de coisas e combater a resignação que o permitiu.



Advogado